

A CRÍTICA BAKHTINIANA AO TEORICISMO E SUA RELEVÂNCIA NO FAZER DO LINGUISTA APLICADO

BAKHTINIAN CRITICISM TO THEORICISM AND ITS RELEVANCE IN THE DOING OF THE APPLIED LANGUAGE

Manuel Álvaro Soares dos Santos 1
Lúcia de Fátima Santos 2

Resumo: O teorismo consiste em um ponto de reflexão central de toda a discussão empreendida pelo Círculo de Bakhtin acerca das práticas de linguagem, visto que a recusa ao abstrato, ao estático, ao uniforme e ao universal estão presentes nas obras do Círculo sob rótulos diferentes e com objetivos de reflexão também diferentes. Bakhtin, ao empreender a crítica ao modo de fazer ciência abstrata e universalizante defendida pelo positivismo, problematiza a fragilidade de não se levar em conta a dimensão social, histórica, política, cultural e econômica das relações sociais, pois, para o autor, deve-se considerar a concretude e a unicidade do ato responsável, constituindo o evento-existir em sua totalidade, no qual estão imbricadas questões éticas e emotivo-volitivas. Diante dessas questões, neste artigo propomos discutir a relevância da crítica bakhtiniana ao teorismo, correlacionando-a com o fazer do linguista aplicado.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin. Teorismo. Linguística Aplicada.

Abstract: Theoretical theory is a central point of reflection for the entire discussion undertaken by the Bakhtin Circle about language practices, since the refusal of the abstract, the static, the uniform and the universal are present in the Circle's works under different labels and with different reflection objectives also different. Bakhtin, when undertaking a critique of the way of doing abstract and universalizing science defended by positivism, problematizes the fragility of not taking into account the social, historical, political, cultural and economic dimension of social relations, because, for the author, considering the concreteness and uniqueness of the responsible act, constituting the event-existence in its entirety, in which ethical and emotional-volitional issues are interwoven. Faced with these questions, in this article we propose to discuss the relevance of Bakhtinian criticism to theoreticism, correlating it with the applied linguist's practices.

Keywords: Bakhtin Circle. Theoricism. Applied Linguistics.

Mestre em Linguística, Universidade Federal de Alagoas. Lattes: **1**
<http://lattes.cnpq.br/6951982111090453>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4425-8508>. E-mail: manuelalvaross@gmail.com

Doutora em Linguística, Professora da Universidade **2**
Federal de Alagoas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3235342037177115>. ORCID:
<https://orcid.org/0000-0002-3283-1285> E-mail: lfatima.ufal@gmail.com

Introdução

Em geral, os manuais de metodologia científica focalizam a dimensão social que as pesquisas devem enfatizar, voltando-se para processos investigativos que corroborem para a transformação de algum problema social. Diante disso, a pesquisa social, conforme concebida pelos manuais, deve partir de alguma problemática atual e relevante para o contexto em que ela se desenvolve. Entretanto, as pesquisas em Ciências Humanas e Sociais até a década de 1980, pautadas pelo positivismo, afastavam-se do caráter situado e concreto dado a subserviência ao status científico ostentado por este método vigente. O positivismo científico, construído a partir das Ciências Exatas e Naturais, apresenta reflexos negativos nas Ciências Humanas e Sociais, uma vez que, ao eleger questões de pesquisa hipotéticas e resultados quantitativos, destitui a dimensão sócio-histórica dos objetos de pesquisa constituídos por discursos e sujeitos coabitantes de tensões, descontinuidades, contradições e deslocamentos (BORTONI-RICARDO, 2008).

Para respondermos ao objetivo de discutir a relevância da crítica bakhtiniana ao teoricismo, correlacionando-a com o fazer do linguista aplicado, pautamos nossa discussão nos seguintes pontos: a) a relevância da crítica bakhtiniana ao teoricismo e, com isso, a insuficiência de uma pureza epistêmica à compreensão do evento-existir no ato responsável da pesquisa; b) o caráter aplicacionista das pesquisas em Linguística Aplicada (LA), na sua primeira fase de desenvolvimento, associando essa postura ao que Bakhtin (2010) denomina como mundo da cultura (teoricismo abstrato); c) a autonomia e transdisciplinaridade da área da LA, localizada nas Ciências Sociais (KLEIMAN, 2013; MOITA-LOPES, 2006a, 2006b, 2013), relacionando essa caracterização ao que Bakhtin (2015b) denomina como Metalinguística. Antes, porém, de abordarmos os pontos que elegemos para discussão, consideramos importante retomar brevemente o histórico de surgimento da LA, a fim de contextualizarmos a área.

Breves considerações sobre o histórico da LA

No Brasil, a LA nasceu na década de 60, a partir da aplicação teórica de insights advindos da Linguística Geral. O linguista aplicado, neste momento, buscava construir modelos teóricos aplicáveis, sobretudo, ao ensino de Língua Estrangeira e, posteriormente, ao ensino de Língua Portuguesa. Havia, assim, uma forte relação de dependência entre o fazer do linguista aplicado e as teorias linguísticas, já que, nesse contexto histórico, a LA configurava-se como uma ramificação da Linguística, não como área autônoma, o que não lhe possibilitava diálogo com outras áreas de conhecimento e disciplinas (DAMIONOVIC, 2005; SERRANI, 1990).

A Linguística, de modo geral, nesse contexto epistêmico e metodológico da década de 1960, estava amparada pelo paradigma positivista de fazer ciência. Dessa maneira, tinha como parâmetros de cientificidade um modelo vindo das Ciências Exatas. Assim, buscava-se, através desse paradigma positivista, a objetividade do cientista, a generalização de resultados quantitativos e a pureza epistêmica (BORTINI-RICARDO, 2008). O primeiro parâmetro de cientificidade, a objetividade, tinha como mote de argumentação a neutralidade do pesquisador frente a seu objeto de pesquisa, isto é, o pesquisador que tivesse como objeto, por exemplo, as relações interativas entre sujeitos não poderia analisar, tampouco compreender, as situações em que estavam inseridos, visto que deveria reservar-se à descrição do que percebia no campo de coleta de dados, buscando explicações casuais por meio de relações lineares (CAVALCANTI, MOITA-LOPES, 1991; BORTONI-RICARDO, 2008). Diante disso, para garantir a objetividade científica, o método positivista transformava tanto o pesquisador quanto os sujeitos da pesquisa em coisas, ou seja, ambos eram dissociados de suas relações sociais, históricas, culturais, políticas e econômicas como se as práticas nas quais eles estavam inseridos pudessem ser isoladas como um fenômeno físico (LUDKE; ANDRÉ, 2017).

A coisificação dos sujeitos, conforme iremos discutir mais adiante, os homogeneizava, buscando garantir com isso o segundo parâmetro de cientificidade, ou seja, a generalização dos resultados da pesquisa, uma vez que a singularidade e a unicidade do evento-existir (BAKHTIN, 2010) era desconfigurada do ato responsável da pesquisa. O terceiro critério de cientificidade, a pureza epistêmica, diz respeito à homogeneidade teórica demandada para a realização de

pesquisas sob o paradigma positivista. Partindo desse parâmetro, as pesquisas primavam pela unidade teórica, uma vez que o diálogo com outras áreas e disciplinas poderia comprometer a generalização dos resultados, bem como interferir na confiabilidade da pesquisa. Segundo Bortoni-Ricardo (2008), essa concepção de pensamento científico, dominante no início do século XX, começou a sofrer críticas ainda no final deste século. Essas críticas questionavam a impossibilidade de se fazer pesquisa em Ciências Sociais pautadas em métodos extraídos das Ciências Exatas, pois “nas Ciências Sociais não poderia negligenciar o contexto sócio-histórico” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 31). Sendo assim, a emergência dessas críticas viabilizou a construção de um paradigma alternativo de pesquisa denominado interpretativista, segundo Cavalcanti e Moita-Lopes (1991). Neste paradigma, “não há como observar o mundo independente das práticas e significados vigentes [porque] a capacidade de compreensão do observador está enraizada em seus próprios significados, pois ele (ou ela) não é um relator passivo, mas um agente ativo” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 42).

Ao situarmos essas questões do paradigma positivista, buscamos apresentar o contexto em que as pesquisas em LA, em sua primeira fase de desenvolvimento, eram realizadas, na qual as pesquisas que não atendessem a esses três critérios de cientificidade não seriam concebidas como científicas. Diante disso, a LA nesse contexto de cerceamento do pensar, buscou a partir de década de 1970, com a criação do primeiro programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada na PUC-SP, reinventar-se, estabelecendo diálogos teóricos e metodológicos com outras áreas. Dessa maneira, a LA apresentou seus primeiros sinais de indisciplinaridade, como advoga Moita-Lopes (2006a), contrapondo-se ao modelo de pureza epistêmica das pesquisas empreendidas na Linguística Geral, sua disciplina mãe naquele momento.

Com a criação desse Programa, a LA construiu seus primeiros sinais de autonomia epistêmica e metodológica, propondo questões de pesquisa mais amplas ao descentralizar seus interesses do ensino de línguas. A partir dos anos de 1970, a LA foi perdendo seu caráter de aplicação teórica para construir uma nova identidade que, agora, reflexiva, dinâmica e heterogênea, focaliza processualmente práticas de linguagem, visando a problemas sociais em que as dimensões ética e política são ressaltadas. Esse quadro de desenvolvimento da LA se consolidou com mais firmeza na década de 1980, com a abertura de um departamento de LA na Unicamp. Além disso, outra ação crucial ao desenvolvimento e fortalecimento da área foi a criação da ALAB (Associação Brasileira de Linguística Aplicada).

Após essa breve menção ao percurso histórico da LA, focalizando sua fase primeira de desenvolvimento, na qual se realizava aplicação teórica, discutiremos sobre a estetização da ciência por meio do mundo da cultura, conforme postula Bakhtin (2010). Nesse sentido, buscaremos correlacionar o fazer do linguista aplicado à relevância das críticas empreendidas por Bakhtin (2010) ao teorismo abstrato, impulsionando com isso a construção de uma postura investigativa alternativa ao positivismo.

A relevância da crítica bakhtiniana ao teorismo

Bakhtin (2010) empreende uma crítica ao mundo teórico abstrato, autônomo e indiferente à vida social. Para o autor, esse modelo estetizado de fazer ciência não estava pautado sob um modelo concreto e situado, mas, sobretudo, por um modelo científico que não mantinha relação com a dimensão social da vida, visto que o mundo da cultura, isto é, o mundo da ciência abstrata e universalizante e o mundo da vida, ou seja, o mundo concreto, do agir situado e histórico eram incomunicáveis. Conforme Bakhtin (2010), esses dois mundos absolutamente incomunicáveis e mutuamente impenetráveis delineava uma barreira entre a ciência e sua relevância junto à sociedade, pois, para o mundo da cultura, não interessava investigar a concretude da vida, uma vez que o mundo da vida era coordenado pelo mundo teórico e não o contrário, pois a lógica entre o mundo da teoria e o mundo da vida é uma lógica verticalizada.

A cientificidade almejada pelo positivismo, conforme discutimos anteriormente, tem como coadjuvante, a nosso ver, o mundo da cultura criticado por Bakhtin (2010), já que, para esse modelo abstrato e autônomo de fazer ciência, não se consideram os sujeitos da pesquisa enquanto seres sócio-históricos e agentes situados dos eventos-existir, com seus tons emotivo-

-volitivos; a singularidade do evento-existir, visto a pretensão de produzir conhecimento universal; nem a possibilidade de pluralidade epistêmica, pois buscava a pureza teórica.

Compreendemos que o ato da pesquisa é sempre concreto e situado, tendo em vista que a realização dos atos é sempre histórica, cultural, política, social e econômica, constituindo assim o evento-existir em sua totalidade (BAKHTIN, 2010). No entanto, o mundo da cultura, e com ele o positivismo, dado sua inclinação ao abstrato e ao universal, recorta a dimensão concreta e situada dos seus objetos de pesquisa, tornando, como já dissemos, sujeitos e discursos em coisas, ou seja, essa postura autossuficiente “[...] se **des-concretiza e se des-realiza**, perde o peso valorativo, a necessidade emotiva-volitiva, se torna possibilidade vazia, abstratamente geral” (BAKHTIN, 2010, p. 121, ênfase do autor). Essa des-concretização dos sujeitos visa à objetividade demandada pelo positivismo, uma vez que o pesquisador precisa ser neutro e, com isso, não pode analisar ou compreender o objeto pesquisado, mas somente descrevê-lo como coisa estática, pois, nesse modelo, não há viabilidade de voltar-se ao processo, mas só ao produto, logo estático e sempre homogêneo, destituído da historicidade que o compõe. Portanto, dissociado das práticas sociais.

Volóchinov (2017), ao discutir sobre a constituição dos signos e da consciência ideológica dos sujeitos, compreende que, onde há manifestação signíca, há reflexo e refração e estratos ideológicos, visto que um signo neutro não é possível, uma vez que sempre ocorre manifestação ideológica de sentidos. Diante disso, compreendemos que a objetividade científica é um dado inconcebível, porque o sujeito (histórico, ativo e situado), ao participar de uma realidade “se nutre dos signos, cresce a partir deles, reflete em si a sua lógica e as suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica da interação signíca e de uma coletividade” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 98), ou seja, o caráter objetivo pretendido pelo positivismo é, como Bakhtin (2010), argumenta, um ato de abstração teórica. Conforme este autor (2010, p. 44), “eu ajo como toda minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir”.

Compreendemos, nesse sentido, que o agir humano sempre significa e constrói sentidos da realidade, contudo o positivismo des-realiza o sujeito, coisificando-o e, a partir disso, destitui sua ação dialógica, limitando-a à reprodução e à descrição fria. Entretanto, Bakhtin (2011, p. 310-311) refuta esse caráter reprodutivista do mundo da cultura ao contra-argumentar que “só é possível a reprodução mecânica das impressões digitais (em qualquer número de exemplares)”, visto que nossa particip(ação) no mundo da vida não é passiva, mas acontece de modo ativo, pois se trata de um sujeito dialógico que é sempre agente. Para Bakhtin (2010, p. 48-49, grifos nossos), o positivismo construiu um mundo teórico autônomo e abstrato, sendo “**preciso inventar um sujeito puramente teórico, historicamente inexistente**, uma consciência em geral, uma consciência científica, um sujeito gnosiológico” que atendesse à pretensão da objetividade e neutralidade científica.

Em consonância com a objetividade, o positivismo prescreveu como elemento crucial à cientificidade a construção de uma pureza epistêmica, visto que o diálogo com outros campos de saber poderia desconfigurar o padrão científico. Bakhtin (2010) compreende este elemento como uma tentativa de estetização, visando garantir a pureza extrema do fazer científico. Pensando, por exemplo, no fazer do linguista aplicado em sua fase inicial de aplicação teórica, a pureza epistêmica limitava seu campo de pensamento e atuação, uma vez que, para compreender a complexidade da linguagem e das relações na sala de aula, nos múltiplos contextos de interação, somente as teorias linguísticas seriam insuficientes dado a dimensão social, histórica, cultural política e econômica da linguagem. Rajagopalan (2003) interroga essa concepção na Linguística ao questionar se, no século XXI, o estudo da linguagem ainda deve se esgotar em teorias, exclusivamente, linguísticas.

Conforme Rajagopalan (2003) postula, o estudo da linguagem não pode e não deve se fechar em uma única disciplina se quisermos compreender a complexidade e a dinamicidade de seu funcionamento da comunicação discursiva. Entretanto, entendemos que essa pureza epistêmica pretendida pelo positivismo corresponde, de modo correlato, a um próprio modelo de sociedade moderna vigente no século passado que concebia o sujeito como homogêneo, estático e binário (HALL, 2005). Entretanto, dada a conjuntura sócio-histórica da pós-moder-

nidade¹ (CANCLINI, 2015; GIDDENS, 2012; SOUSA-SANTOS, 2011), em que as relações sociais são fluidas e voláteis, o pensamento excludente, isto é, o pensamento por pares opostos, conforme opera o teorismo, separando, assim, o mundo da cultura e o mundo da vida, não apresenta argumentação plausível para sua existência, visto a insuficiência de seus próprios pressupostos. A pós-modernidade demanda das pesquisas um novo olhar para o mundo. Nesse sentido, espera-se do pesquisador um pensamento participativo que seja capaz de articular o todo arquitetônico do evento-existir, ou seja, Bakhtin (2010) conceitua:

Um pensamento participativo é precisamente a compreensão emotivo-volitiva do existir como um evento na sua singularidade concreta, sob a base do não-álibi. **Isto é, é um pensamento que age e se refere a si mesmo como um único ator responsável [...]** o existir-evento real, que é tanto dado quanto projetado em tons emotivos-volitivos, e correlato com um centro único de responsabilidade, é determinado, no seu sentido de evento [...] (BAKHTIN, 2010, p. 102, grifos nossos).

Os atuais interesses da LA correspondem ao paradigma do pensamento participativo, conforme defendido por Bakhtin (2010), que busca investigar práticas de linguagem por meio de um olhar situado sócio-histórico e sensivelmente ético, em que cada sujeito é responsável pelos próprios atos, ou seja, o não-álibi do ser (BAKHTIN, 2011). Contrário a essa perspectiva, o pensamento excludente do teorismo em busca de objetividade e pureza epistêmica injetou “[...] uma certa dose de estetização da vida que de alguma forma mascara um pouco [e não completamente] a inadequação bastante evidente do teorismo puro” (BAKHTIN, 2010, p. 59). Essa inadequação impõe barreiras ao fazer científico na pós-modernidade, uma vez que, dada a própria natureza da linguagem, não se pode cercear o ato responsável da pesquisa em uma disciplina, operando por meio do pensamento excludente, pois essa:

Coisificação completa [poderia levar] ao desaparecimento da infinitude e da insondabilidade do sentido (de qualquer sentido). O pensamento que, como um peixe no aquário, chova-se com o fundo e as paredes do aquário, não pode ir além e mais fundo. **O pensamento dogmático** (BAKHTIN, 2011, p. 401, grifos nossos).

A pureza epistêmica ou o pensamento dogmático, como Bakhtin (2010) definiu, é homogêneo e não nos viabiliza compreender a realidade, que sempre ideológica, é multifacetada e complexa. Há uma indiferença teórica entre os dois mundos: o mundo da cultura abstrata não se preocupa em investigar o real, o concreto e o situado, mas somente o abstrato diluído da historicidade e singularidade do evento-existir, pois seu objetivo científico visa à generalização teórica sobre a vida. Assim, “o ato é atirado do mundo teórico com base no requisito vazio da legalidade” teorista (BAKHTIN, 2010, p. 77). Essa ausência de empatia no ato responsável da pesquisa se fundamenta na própria concepção que se tem de vida e de ciência, em que:

O ser humano contemporâneo se sente seguro, com inteira liberdade e conhecedor de si, precisamente lá onde ele, por princípio, não está, isto é, no mundo autônomo de um domínio cultural e da sua lei imanente de criação; mas se sente inseguro, privado de recursos e desanimado quanto se trata dele mesmo, quanto ele é o centro da origem do ato, na vida real e única. Ou seja, agimos com segurança quando fazemos não partindo de nós mesmos, mas somente como

1 Aqui fazemos um cotejo entre as discussões empreendidas entre os anos de 1920 a 1970 por Bakhtin e o Círculo com os estudos pós-modernos iniciados em 1980 (HALL, 2015; GARCÍA-CANCLINI, 2015; GIDDENS, 2012; BECK, 2012; SOUSA-SANTOS, 2011), uma vez que o sujeito bakhtiniano, bem como o sujeito pós-moderno, é descentrado, híbrido e agente nas relações sociais e, em sua constituição, é construído pela multiplicidade de discursos. Ainda compreendemos que tanto no pensamento bakhtiniano quanto nas teorias pós-modernas há uma recusa ao homogêneo, ao estático, ao estrutural.

alguém possuído da necessidade imanente do sentido deste ou de outro domínio da cultura (BAKHTIN, 2010, p. 69-70).

Essa relação de indiferença teórica entre os dois mundos coaduna-se com o modo de aplicação teórica realizada pela LA, em sua primeira fase de desenvolvimento, como já dissemos. O caráter aplicacionista, assim como o mundo da cultura, visa à transposição mecânica e unilateral do saber teórico para o mundo da vida. No entanto, esse caráter aplicacionista, ao não considerar a concretude e a historicidade do evento-existir, provoca um conflito entre os dois mundos, no qual o mundo da vida, não concebido no ato responsável da pesquisa, deve manter-se subserviente aos postulados teóricos, mesmo que estes preceitos não levem em conta a situacionalidade da vida enquanto evento-existir.

As pesquisas em LA, em sua fase inicial de desenvolvimento, que discutiam o ensino e a aprendizagem de línguas por exemplo, construíam, através das teorias linguísticas, modelos de transposição teórica, gerando insights para aplicação em sala de aula, visando com isso atender tais demandas. Contudo, tratava-se de teorizar do lugar de onde não se estava, ou seja, o sentido iminente do mundo da cultura que des-realiza e des-concretiza o evento-existir. Desse modo, o caráter mecânico da concepção teorizante não considerava a heterogeneidade e a situacionalidade das demandas locais, a sala de aula, construindo, através dessa relação de indiferença teórica, uma estetização que só faz sentido no mundo da cultura em que a neutralidade, a generalização e a pureza epistêmica imperam.

Em resumo, compreendemos que a LA, em sua primeira fase de desenvolvimento, quando aplicava insights das teorias linguísticas, apresenta uma correlação com os pressupostos do mundo da cultura, no qual as práticas sociais são des-realizadas e des-concretizadas para serem estudadas como coisas, estando os pesquisadores, para parafrasear Bakhtin (2011), presos ao aquário. Entretanto, a LA, a partir da década de 70, começa a romper essa identidade de subserviência e inicia um processo de reconstrução identitária, firmando-se com mais clareza como área² transdisciplinar, e não como linha de pesquisa, na década de 90. Nesta fase transdisciplinar da LA, podemos correlacioná-la ao que Bakhtin (2015b) denominou de Metalinguística, ou seja, uma área transdisciplinar que se constrói na interface com outras áreas e disciplinas, visando investigar a linguagem como prática social concreta, situada, histórica, política e ética, mantendo uma relação de complementaridade e não de dependência com a Linguística.

Nas próximas seções discutiremos, o caráter inovador do fazer científico pautado sob o situado, o concreto e o sensivelmente ético, correlacionando com o fazer do linguista aplicado, hoje, voltado à transdisciplinaridade.

A emergência do caráter situado, concreto e ético nas pesquisas em LA

O caráter inovador da crítica bakhtiniana consiste na proposição de uma nova concepção para o modo de produção de conhecimento que, agora situado, concreto e sensivelmente ético, adota como ponto central de reflexão o mundo da vida, em que as relações sociais são sempre constituídas da sua dimensão histórica, cultural, política e econômica. Nessa concepção, não há dissolução do sujeito, tornando-o coisa, pois a prática de pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais volta-se para o sujeito falante, produtor de discursos que, sempre ativo, possui uma existência concreta, a qual sempre reflete e refrata os seus tons emotivo-volitivos nas práticas do evento-existir. Como Bakhtin (2010) afirma,

O que pretendemos fornecer é uma refiguração, uma descrição da arquitetura real concreta do mundo dos valores realmente vivenciados, não governados por um fundamento analítico, mas com **um centro de origem realmente concreto, seja espacial ou temporal, de valorações reais, de afirmações, de ações, e cujos participantes sejam objetos efetivamente**

² Almeida-Filho (2007) e Kleiman (2013) defendem a LA como área de pesquisa, não como linha ramificada da Linguística. Assim, Almeida-Filho (2007), ao situar a LA como área, aponta o ensino de línguas, os estudos sobre tradução, identidade entre outros como linhas de pesquisas ramificadas da LA.

reais, unidos por relações concretas de eventos no evento singular do existir (aqui as relações lógicas não são mais que um momento ao lado dos momentos espaciais, temporais e emotivo-volitivos concretos) [...] toda e existência possível e todo o sentido possível se dispõem ao redor de um ser humano como centro e valor único; **tudo- e aqui a visão estética não conhece limites- deve estar correlacionada a um ser humano**, deve tornar humano (BAKHTIN, 2010, p. 123-124, grifos nossos).

Ainda conforme Bakhtin (2011, p. 174) argumenta, “viver significa ocupar uma posição axiológica em cada momento da vida, significa firmar-se axiologicamente”, assim, nesse novo modelo do fazer científico, o sujeito assume um papel crucial para o desenvolvimento das pesquisas, uma que vez a suposta neutralidade defendida pelo positivismo não é possível quando há sujeitos concretos, visto que a presença ativa destes condicionarão o todo arquitetônico do ato responsável da pesquisa.

Nesse novo modelo de fazer ciência, o sujeito concretiza-se e realiza-se no ato responsável da pesquisa, tornando-se sujeito-pesquisador, não mais sujeito-observador ou mero contemplador do alheio, que busca compreender, transformar, recriar, analisar, discutir e problematizar os mundos sociais fragilizados pelos problemas do seu tempo e do seu espaço, ou seja, a pesquisa nesse modelo alternativo proposto por Bakhtin (2010) deve predispor-se a contemplar questões concretas no mundo da vida. Assim, o caráter ativo dos sujeitos está orientado pelo não-álibi da existência concreta da vida, ou seja, o sujeito é responsivo e responsável pelos seus atos (BAKHTIN, 2011), como já mencionamos.

Desse modo, a pesquisa enquanto ato responsável não pode, conforme Rajagopalan (2003) defende, viver em uma torre de marfim, como se os problemas vivenciados no mundo da vida não interessassem ao pesquisador. Sob essa perspectiva, Moita-Lopes (2006b), ao discutir sobre o caráter político imanente a todas as pesquisas, compreende que as investigações desenvolvidas na LA, no século XXI, que não adotarem uma agenda contra-hegemônica, tendo em vista as contingências sociais, contribuirão para a manutenção de injustiças sociais e percursos de exclusão identitárias. Neste cenário, compreendemos que as postulações bakhtinianas coadunam-se com o fazer do linguista aplicado, uma vez que, na fase transdisciplinar, as pesquisas em LA buscam investigar problemas sociais que corroborem para a compreensão e transformação social (LARSEN-FREEMAN, 1998). Com isso, o linguista aplicado buscou:

Politizar o ato de pesquisa [saído do teorismo positivista] e pensar alternativas para a vida social são parte intrínseca dos novos modos de teorizar e fazer LA. Assim, **a LA necessita de teorizações que considere a centralidade das questões sociopolíticas e da linguagem na constituição da vida social e pessoal** [...] O ponto principal, que explica a necessidade de pensar novos percursos [voltados ao mundo situado, concreto e sensivelmente ético] (MOITA-LOPES, 2006a, p. 22, grifos nossos).

Associamos a emergência do caráter situado, concreto e sensivelmente ético, proposto por Bakhtin (2010), com o fazer do linguista aplicado que, por configurar-se como um cientista social da linguagem (KLEIMAN, 2013), orienta sua prática de pesquisa a questões concretas do evento-existir. Assim, o ato responsável de pesquisa, para o linguista aplicado, se constitui na vida pós-moderna marcada pela desterritorialização, reterritorialização e destracionalização das relações sociais (CANCLINI, 2015; GIDDENS, 2012), em que as identidades são híbridas e as relações sociais como um todo enfrentam processo de reorganização reflexiva, em diferentes níveis e lugares. Nesse contexto, a LA orienta sua metodologia de pesquisa por meio do paradigma interpretativista, focado em práticas discursivas, tendo como parâmetro de investigação um olhar multifocal e processual ao objeto em investigação. Dessa maneira, dentro do paradigma interpretativista, as pesquisas adotam métodos etnográficos, autoetnográficos,

documentais e colaborativos.

O caráter processual das investigações em LA se caracteriza pelo viés discursivo que suas pesquisas enfatizam, assim busca-se compreender o desenvolvimento e a constituição do objeto de pesquisa, não o produto estático, diluído de sua concretude e situacionalidade do evento-existir. As pesquisas em LA, assim como o paradigma do ato responsável em Bakhtin (2010), buscam construir uma empatia teórica com a vida, ou seja, as relações entre o mundo teorizado e o mundo da vida são dialogizadas. Nesse processo dialógico, as vozes sociais que compõem esses dois mundos se intercomunicam, construindo um terreno epistemológico e metodológico, em que as fronteiras entre o teórico (o mundo da cultura) e o prático (o mundo da vida) se diluem e se retroalimentam umas das outras, com isso constroem um mundo situado, concreto e sensivelmente ético, onde a teoria se reconfigura pela prática, e a prática reconstrói a teoria (CAVALCANTI, SIGNORINI, 1998; MOITA-LOPES, 2006a, 2006b). Desse modo, o ato responsável da pesquisa “deve encontrar um único plano unitário para refletir-se em ambas as direções, no seu sentido [teórico] e em seu existir [prático]; deve encontrar a unidade de uma responsabilidade bidirecional” (BAKHTIN, 2010, p. 43). Assim, compreendemos, através de Bakhtin (2010), que:

A vida só pode ser compreendida pela consciência somente na responsabilidade concreta [...] Só se pode compreender a vida como evento, e não como ser-dado. Separada da responsabilidade, a vida não pode ter uma filosofia; ela seria, por princípio, fortuita e privada de fundamentos (BAKHTIN, 2010, p. 117).

A vida como evento corresponde ao situado, ao concreto, ao sensivelmente ético, bem como ao caráter de inacabamento inerente ao evento-existir. Sob essa compreensão, os sentidos dos discursos estão sempre em construção e em reconstrução. Desse modo, ao concebermos o ato responsável da pesquisa como um ato social, histórico, político, cultural e econômico, estamos ampliando e enfatizando a LA como uma área de conhecimento autônoma voltado a questões de ordem sociopolítica nas práticas de linguagem (CAVALCANTI, 1998; MOITA-LOPES, 2006a, 2006b, 2013).

Em nossa próxima seção, discutiremos as implicações do caráter transdisciplinar da LA. Assim correlacionaremos este posicionamento ao que Bakhtin (2015b) denominou de Metalinguística. Desse modo, a LA, ao romper o caráter disciplinar e departamentalizado no fazer científico, configura-se como área indisciplinar por destradicionalizar a relação com a construção do saber.

A linguística aplicada como espaço de destradicionalização do saber e a metalinguística bakhtiniana

Bakhtin (2010, 2011, 2015a, 2015b, 2016, 2018) e o Círculo (VOLÓCHINOV, 2013, 2017; MEDVIÉDEV, 2016), ao longo de seus escritos, fazem críticas ao caráter reducionista e unidirecional como a Linguística trata as questões relativas à linguagem. Para o Círculo, o reducionismo e, até certo ponto, o abstracionismo da Linguística comprometem a realização de uma investigação mais aprofundada, tendo em vista que o foco nas unidades da língua, bem como a barreira imposta pela disciplinarização meramente linguística, não possibilitam a compreensão das relações dialógicas acerca do modo como a linguagem, enquanto fenômeno iminentemente sócio-histórico e ideológico, se constitui e se retroalimenta na vida e pela vida dos sujeitos.

Diante dessas críticas, o Círculo propôs um olhar flexível, dinâmico e voltado à heterogeneidade tanto epistemológica quanto metodológica. Cabe salientar que o Círculo não esboçou uma metodologia precisa para estudo das práticas de linguagem, contudo podemos depreender que é uma concepção de produção de conhecimento pautada pelo caráter aberto, pois, conforme Bakhtin (2011), a unidade da cultura, e aqui incluímos o ato responsável da pesquisa, deve ser compreendida como uma unidade aberta, visto que o fechamento no produto poderia não viabilizar a compreensão do todo arquitetônico no seu percurso de desenvolvimento.

Ao apresentar as limitações da Linguística para a compreensão dos discursos inseridos da cadeia da comunicação discursiva, Bakhtin (2015b) apresenta a Metalinguística como uma possibilidade, e não como garantia, de ampliação no modo de conceber a realização do estudo da linguagem e dos discursos. Assim, ao propor a Metalinguística, compreendemos que esse autor buscou estabelecer um diálogo com as críticas realizadas ao teorismo (BAKHTIN, 2010), quando propõe uma nova forma no modo de produção de conhecimento, conforme discutimos na segunda seção deste artigo. Vale ressaltar nas proposições bakhtinianas, o caráter de atualidade de pensamento, bem como sua expressão inovadora, tendo em vista que as críticas ao teorismo foram produzidas no ano de 1920, momento este em que o paradigma positivista dominava o fazer científico.

As proposições bakhtinianas acerca do teorismo, segundo nossa compreensão, podem ser correlacionadas com o que se denominou, na década de 1980, de paradigma interpretativista (LUDKE, ANDRÉ, 2017). Assim, a Metalinguística, enquanto paradigma alternativo nas pesquisas que focalizam as práticas de linguagem, está voltada à compreensão de discursos, incluindo os sujeitos como agentes sócio-históricos situados em sua estrutura cronotópica. Conforme Bakhtin (2015b):

As pesquisas Metalinguísticas, evidentemente, não podem ignorar a Linguística e devem [considerar] os seus resultados. A Linguística e a Metalinguística estudam o mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético, o discurso, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. **Devem completar-se mutuamente, e não fundir-se, na prática, os limites entre elas são violadas com muita frequência** (BAKHTIN, 2015b, p. 207, grifos nossos).

A Metalinguística, desse modo, busca estudar as práticas de linguagem por meio de um prisma transdisciplinar, em que o discurso é o objeto de estudo, mas que diferentemente da Linguística, estuda este fenômeno como complexo e multifacético, concebendo o ato responsável da pesquisa a partir de uma perspectiva pela qual a diversidade de enfoques epistemológicos e metodológicos possibilita compreender as relações de sentido constitutivas de tais práticas discursivas. Nesse paradigma, o foco está nas relações dialógicas que se estabelecem no discurso sempre situado, concreto e único. Diante disso, tendo em vista a identidade da LA, hoje, compreendemos as intersecções possíveis com a Metalinguística, concebida como um novo modo de investigar as práticas de linguagem, em que “as relações dialógicas são sempre Metalinguísticas [com isso] é precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem” e do ato responsável da pesquisa (BAKHTIN, 2015b, p. 209).

Compreendemos que tanto a Metalinguística quanto a LA operam tendo em vista concepções epistemológicas e metodológicas que destradicionalizam a relação com o saber e com o modo de produção de conhecimento. Pois, assim como Kleiman (2013, p. 56-57) postula, a LA rompe com esse caráter departamentalizado da pesquisa, em que os “donos das disciplinas determinam o que é pertinente ler, quem é a autoridade num determinado tema, o que conta como conhecimento”. Diante disso, situado na pós-modernidade, o fazer científico do linguista aplicado deve buscar estar em acordo com a estrutura social, para compreender com mais clareza e coerência o contexto situado e concreto em que o ato responsável da pesquisa se desenvolve.

Canclini (2015), ao discutir sobre o estatuto das Ciências Sociais, chama a atenção para a necessidade de um olhar transdisciplinar, tendo em vista que os processos de hibridação social tornam as realidades complexas. Assim o autor discute sobre o processo que ele denomina de desterritorialização das fronteiras do saber, resultante da hibridação cada vez mais latente nas relações sociais, o que implica diretamente no modo de conceber as Ciências Sociais. Canclini (2015) defende a desterritorialização não como um mundo do não-lugar, onde nada é sistemático. Esse processo de desterritorialização consiste na derrubada das fronteiras binárias típicas da modernidade, em função de um novo processo de reterritorialização que visa não

mais fronteiras densas e estáticas, mas, sobretudo, um modelo de fronteira movediça capaz de articular os mais diversos processos de hibridação, sejam eles culturais, epistêmicos ou metodológicos.

Esses dois processos defendidos por Canclini (2015) coadunam-se com os processos enfrentados na LA, uma vez que esta área desterritorializa o saber e passa a se articular com outras áreas e enfoques metodológicos, reterritorializando assim o ato responsável da pesquisa em uma outra perspectiva. Cabe salientar que dado esse caráter movediço da LA, áreas e linhas de pesquisa mais disciplinarizadas apresentam críticas à LA, estigmatizando a área como assistêmica e até mesmo confusa. Contudo, compreendemos que não se trata de ausência de sistematicidade, mas de uma nova forma de sistematização que é sensível à vida pós-moderna, construindo uma empatia epistemológica, marcada pelo paradigma da modernização reflexiva onde há “primeiro a desincorporação e, segundo, a reincorporação das formas sociais [...] por outra modernidade” (BECK, 2012, p. 13). Sendo assim, conforme Moita-Lopes (2013), a LA está pautada nos mais modernos percursos investigativos e, ainda conforme esse autor, os estigmas e preconceitos direcionados à LA é fruto do cinismo epistêmico. Sobre a direção epistemológica e metodológica da LA, Celani (1998, p. 126) defende que “a direção da Linguística Aplicada está bem marcada como a de mediadora de mudanças na sua comunicação com a coletividade e com a participação desta.”

Diante deste contexto de fronteiras movediças e de constantes transformações sociais, Canclini (2015, p. 19, grifos nossos) propõe “Ciências Sociais nômades, capazes de circular pelas escadas que ligam esses pavimentos. **Ou melhor: que redesenhem esses planos e comuniquem os níveis horizontalmente**”. Desse modo:

O conhecimento tem de ser novo não simplesmente porque o mundo está diferente, mas porque tais mudanças requerem processos de construção de conhecimento que devem, necessariamente, envolver implicações de mudanças na vida social. As mudanças têm sido negligenciadas nos dois sentidos: uma reposta à vida social que implica questões de natureza epistemológica. Em um segundo, a opção tem a ver com os conhecimentos que refletem [e refratam] as mudanças radicais da vida contemporânea e, em outro, na direção de um projeto epistemológico com implicações sobre a vida social (MOITA-LOPES, 2006b, p. 91).

A LA, em confluência com essa perspectiva, constrói uma nova agenda de pesquisa, pautada por meio de uma empatia epistemológica com a vida. Com isso, conforme Moita-Lopes (2006b, p. 85), a LA contemporânea busca “reinventar a vida social [por meio de uma ótica não solucionista], o que inclui a reinvenção de formas de produzir conhecimento, uma vez que a pesquisa é o modo de construir a vida ao tentar entendê-la”. Nesse sentido, a LA, como uma área de conhecimento atuante numa sociedade pós-tradicional (GIDDENS, 2012), considera a complexidade e a volatilidade das relações sociais e, desse modo, busca arranjos epistemológicos descentralizados, indisciplinados e enfoques metodológicos interpretativistas com ênfase no processo que constitui os objetos em investigação, pois, de acordo com Evensen (1998, p. 77), “a metodologia da Linguística Aplicada parece ser um fenômeno híbrido”. Nesse sentido, ao voltar-se para o concreto e o situado na vida pós-moderna, a LA apresenta algumas vantagens frente às pesquisas disciplinarizadas, conforme Signorini (1998) apresenta:

A principal vantagem dessa condição é justamente a inevitável exposição à multiplicidade de paradigmas que constituem o universo científico contemporâneo, favorecendo uma participação mais significativa da LA nesse universo e, no âmbito específico da disciplina, favorecendo o surgimento de novas conexões, com destaque para as conexões que se dão transversalmente à ordem disciplinar instituída (SIGNORINI, 1998, p. 97).

A transdisciplinaridade na LA ilumina o percurso de investigação ao dialogar com outros campos de saber, tornando o objeto de pesquisa multifacético e complexo, pois, nessa perspectiva, o objeto é visto sob diferentes primas epistemológicos, constituindo, assim, um discurso sobre o ato responsável da pesquisa que, longe de ser neutro, objetivo e puro é, sobretudo, situado, concreto e sensivelmente ético.

Considerações Finais

O diálogo construído por nós entre a Metalinguística e a Linguística Aplicada buscou discutir o caráter transdisciplinar entre as duas áreas, correlacionando pontos em comum entre ambas. A Metalinguística, para Bakhtin (2015b), consiste em uma nova forma de produção de conhecimento e investigação de práticas de linguagem, indo além da Linguística. Já a Linguística Aplicada, hoje, voltada à transdisciplinaridade, busca compreender práticas sociais em que a linguagem é ponto central. Com disso, buscamos através deste artigo discutir o caráter situado, concreto e sensivelmente ético nas pesquisas realizadas na LA, focando na agência social dos sujeitos diante do ato responsável da pesquisa, no qual o fazer científico pauta-se na heterogeneidade epistêmica e metodológica, na dimensão social, política, histórica, cultural e econômica e no caráter processual necessário à compreensão do todo arquitetônico do evento-existir.

Em resumo, Bakhtin (2011), ao discutir sobre as especificidades da Metalinguística enfatiza o foco no discurso e em seus sentidos, mantendo intersecções com a Sociologia, com a História, com a Teoria da Literatura, com a Linguística etc. Essa característica da Metalinguística é um dos fios argumentativos que nos possibilita correlacionar a pesquisa em LA ao fazer científico como ato responsável da pesquisa situado, concreto e sensivelmente ético defendido pelo Círculo de Bakhtin ao longo de suas obras.

Compreendemos que um dos caminhos para que nossas pesquisas possam ser vistas e ouvidas, diante do contexto político brasileiro assustador e incerto, é construindo um olhar de empatia epistemológica, ou seja, “essa responsabilidade do ato permite levar em consideração todos os fatores: tanto a validade do sentido quanto a execução factual em toda a sua concreta historicidade e individualidade” (BAKHTIN, 2010, p. 80).

Outrar-se, exotopicamente, é um ato mais que constitutivo das pesquisas em LA, é, sobretudo, um ato fundamental e urgente nesse contexto sócio-político brasileiro em que, ao que tudo parece, considerar as subjetividades dentro dos diferentes contextos sociais será uma forma de resistir aos desmandes de um governo que tenta, a todo instante, violar direitos subjetivos conquistados com muita luta. Nisso reside o caráter sociopolítico das pesquisas em LA. Portanto, voltar-se para o situado, o concreto e o sensivelmente ético consiste em uma evidência em número amplo de pesquisas em LA. Não devemos, enquanto pesquisadores de uma área compromissada com o social, esquivar-nos dessa responsabilidade ética, até porque uma hora seremos cobrados sobre a validade de nossas pesquisas. Não podemos continuar como o Narciso olhando nosso reflexo no espelho, parafraseando Bakhtin (2011). Afinal, pesquisamos para quem e para quê?

Referências

ALMEIDA-FILHO, José Carlos. O fazer do linguista aplicado no Brasil: foco no ensino de línguas. In: KLEIMAN, Angela; CAVALCANTI, Marilda (Org.). **Linguística Aplicada: suas faces e interfaces**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2007. p. 115-124.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do Romance I: a estilística**. Tradução Paulo Bezerra. Organização Se-

guei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015a.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas na Poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015b.

BAKHTIN, Mikhail. **Diálogo I**: a questão do discurso dialógico. In: Os Gêneros do Discurso. Tradução e organização Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do Romance II**: as formas do tempo e do cronotopo. Tradução Paulo Bezerra. Organização Seguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2018.

BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: GIDDENS, Anthony; LASH, Scott; BECK, Ulrich. **Modernização Reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. Tradução Magda Lopes. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012. p. 11-88.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4. ed. São Paulo: Editoria da Universidade de São Paulo: 2015.

CAVALCANTI, Marilda. AILA 1996 e um estado da arte em microcosmo da Linguística Aplicada. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda (Orgs.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**: questões e perspectivas, Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 173-186.

CAVALCANTI, Marilda; MOITA-LOPES. **A implementação da pesquisa na sala de aula de línguas no contexto brasileiro**. Revista Trabalhos em Linguística Aplicada, Vol. 17, Jan/Jun, 1991, p. 133-144.

CELANI, Maria Antonieta. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda (Orgs.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**: questões e perspectivas, Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 115-126.

DAMIANOVIC, Maria Cristina. **O linguista aplicado**: de um aplicador de saberes a um ativista político. Revista Linguagem & Ensino, Vol. 8, No. 2, 2005 (181-196). Disponível em: http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v8n2/mcristina_damianovic.pdf. Acesso em: 15 mai. 2007.

EVENSER, Lars. A Linguística Aplicada a partir de um arcabouço com princípios caracterizadores de disciplinas e transdisciplinas. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda (Orgs.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**: questões e perspectivas, Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 73-88.

GIDDENS, Anthony. A vida social em uma sociedade pós-tradicional. In: GIDDENS, Anthony; LASH, Scott; BECK, Ulrich. **Modernização Reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. Tradução Magda Lopes. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012. p. 89-166.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu e Guacira Lopes. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina: 2015.

KLEIMAN, Angela. A agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações. In: MOITA-LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Linguística Aplicada na Modernidade Recente**: festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 39-58.

LARSEN-FREEMAN, Diane. Impressões do AILA 1996. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda (Orgs.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**: questões e perspectivas, Campinas: Mer-

cado de Letras, 1998. p. 163-172.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2017.

MEDVIÉDEV, Pável. Os Elementos da Construção Artística. In: **O Método Formal nos Estudos Literários: Uma Introdução Crítica a uma Poética Sociológica**. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Américo. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016. p. 193-210.

MOITA-LOPES, Luiz Paulo. Uma Linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como Linguista Aplicado. In: **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006a. p. 13-44.

MOITA-LOPES, Luiz Paulo. Linguística Aplicada e a vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006b. p. 85-108.

MOITA-LOPES, Luiz Paulo. Fotografias da Linguística Aplicada brasileira na Modernidade Recente: contextos escolares. In: **Linguística Aplicada na Modernidade Recente: festschrift para Antonieta Celani**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 15-38.

PENNYCOOK, Alastair. A Linguística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda (Orgs.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**, Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 21-46.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RICARDO-BORTINI, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SERRANI, Silvana. **Transdisciplinaridade e discurso em Linguística Aplicada**. Revista de Linguística Aplicada, Campinas-SP, v. 16, p. 39-45, jul./dez. 1990.

SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda (Orgs.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**, Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SIGNORINI, Inês. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Linguística Aplicada. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda (Orgs.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**, Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 89-100.

SOUSA-SANTOS, Boaventura: Os processos de globalização. In: **A globalização e as Ciências Sociais**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 25-104.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Tradução João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido em 14 de novembro de 2020.

Aceito em 13 de janeiro de 2021.